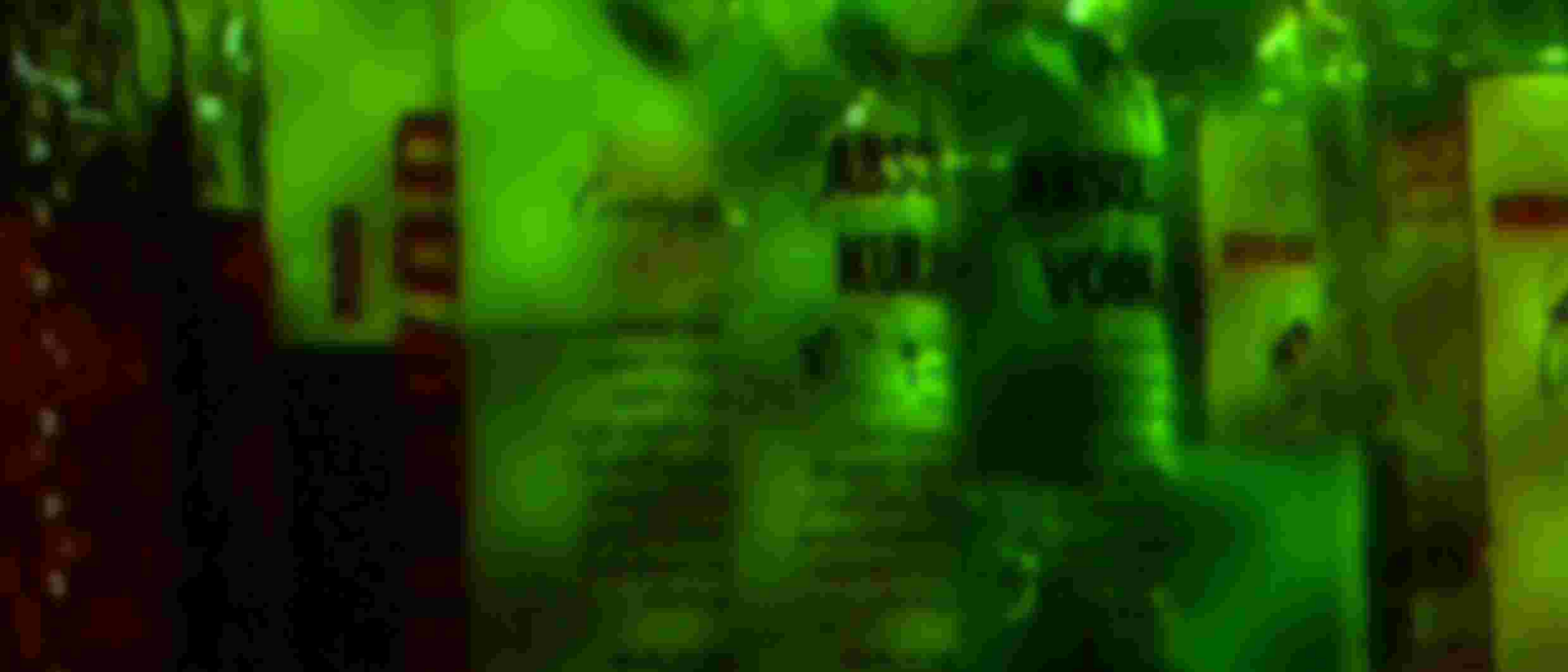


the play pause project



«Play/Pause»











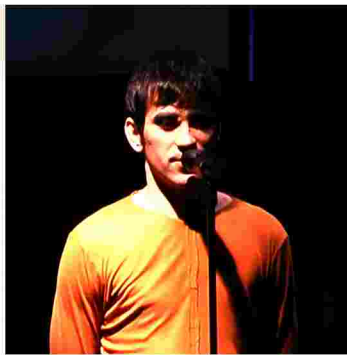










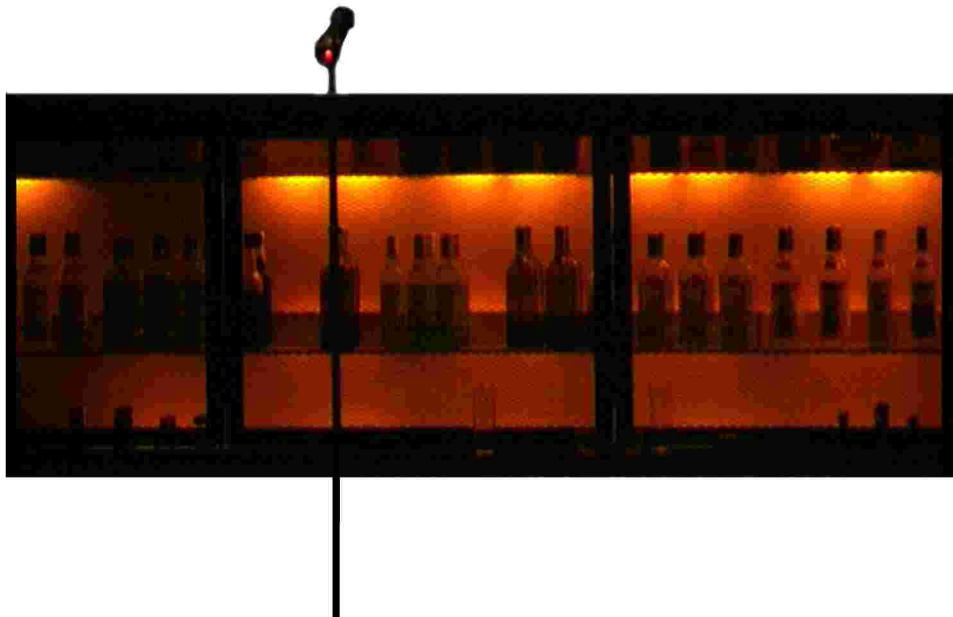




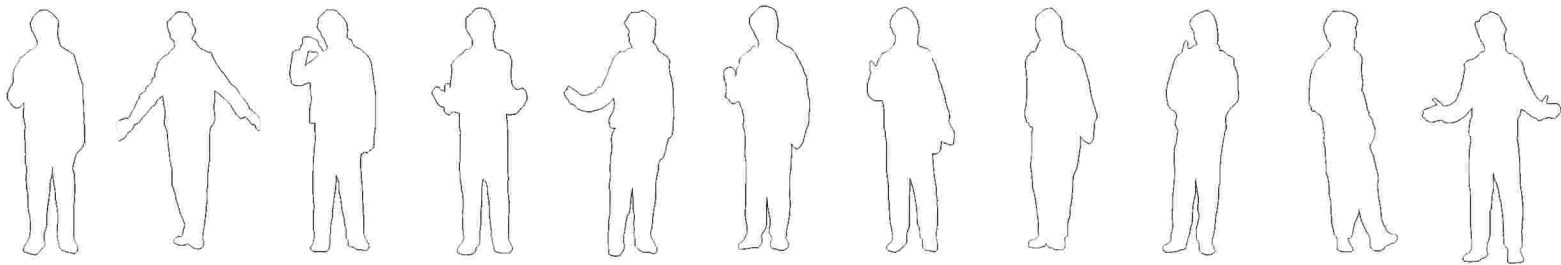








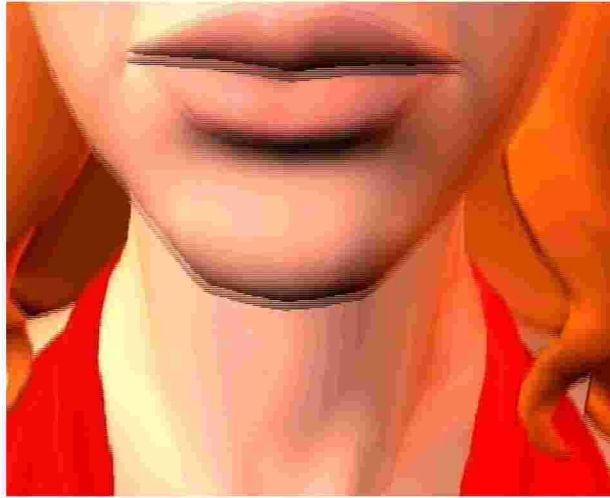
HÁ MALES QUE VÊM POR BEM, E HÁ BENS QUE VÊM POR CRÉDITO

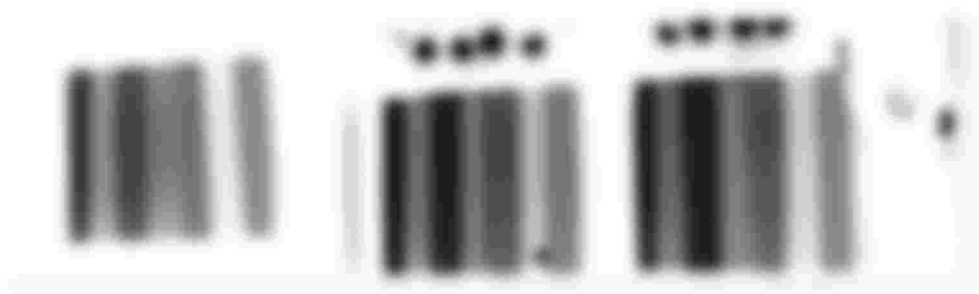




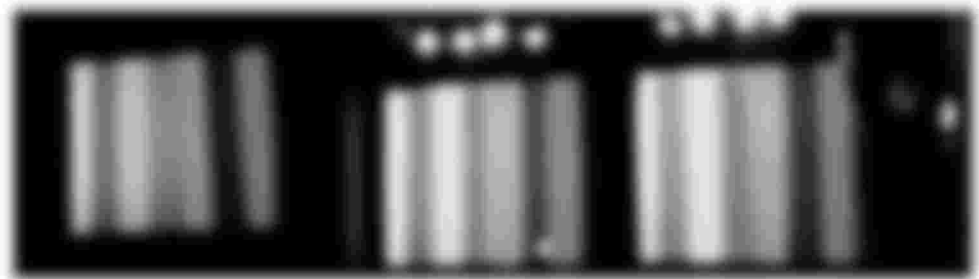




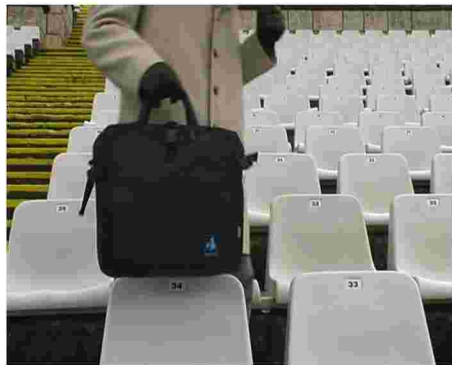
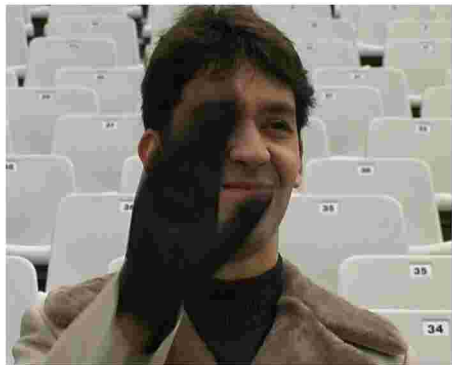




projection sets









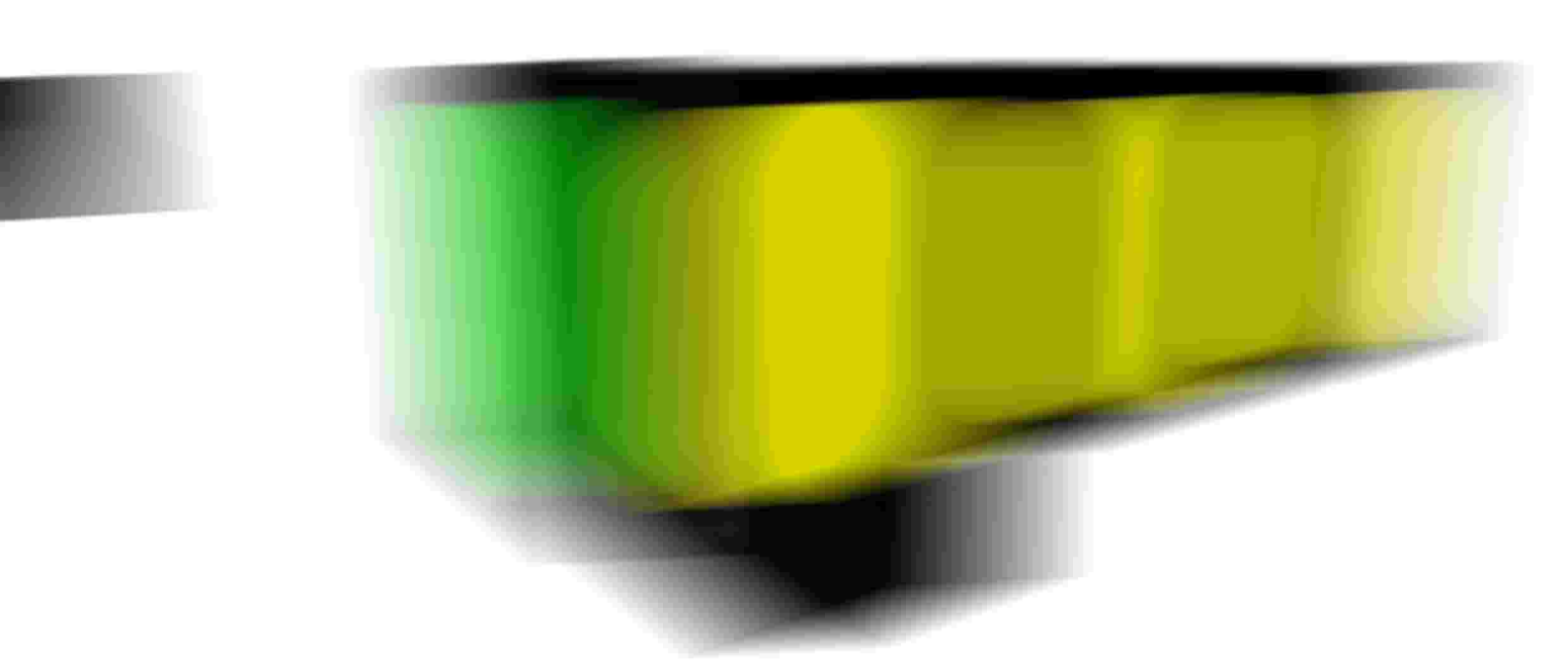




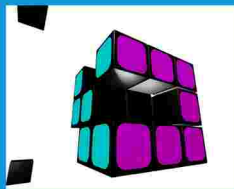


the rubik's cube









set design







WARDROBE



GRIS



GUS



MEY

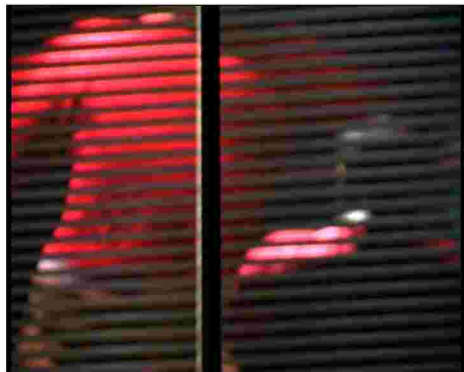
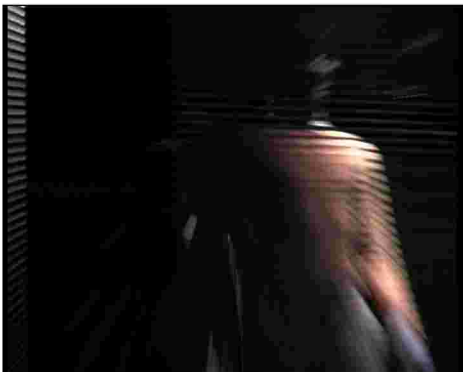


SCHARFIE



ALEX





3 IRMÃOS

TRÊS IRMÃOS

CADA QUAL A SEU MODO CULTIVA UMA CERTA PERVERSIDADE E POUCO PREOCUPADOS COM O OUTRO.

TRATA-SE DE PERSONAGENS

COM UM PADRÃO MORAL BAIXO

E POUCO ESCRUPULOSOS.

MELHOR, TODA A CULPA CONVERTEM-NA NUM GOZO,

NUMA VOLUPTUOSA ESPIRAL.

VIVA A BAIXA TAXA DE JUROS. VIVA A DECIFRAÇÃO DO GENOMA. VIVA O SOL A LEVANTAR-SE

INFLAÇÃO SAGAZ QUE GERAS O MOVIMENTO DO RIO.

PRODUTOS DA PROGRAMAÇÃO GENÉTICA.

LEGO E MONOPÓLIO.

CONHECIMENTO. INVESTIMENTO. CRIME

FLUXOS FINANCEIROS. NOVAS FORMAS DE GESTÃO. GLOBALIZAÇÃO.

SONHO COM UMA MULHER GENETICAMENTE DESENHADA POR MIM.



LUÍS - CONHECI A MIA AQUI MESMO ÀS QUATRO-E-UNS-SHOTS-A-MAIS DA MANHÃ. QUANDO DEI POR MIM, ESTAVA COM AS SUAS DUAS OGIVAS NAS MÃOS.

GUS - SEMPRE PREFERISTE O RUSS MEYER AO SPIELBERG !

LUÍS - PUS LOGO EM PRÁTICA A TEORIA DO BAUDELAIRE : TORNAR O FÚTIL... CAPITAL.

MEY - ... E VICE VERSA. O AMBIENTE ESTAVA VICIADO.

GUS - SIMULTANEAMENTE PENSEI NUM BORDEL, NO ORWELL E NO BUÑUEL.

LUÍS - À MINHA VOLTA, PESSOAS DE SEXO INDETERMINADO.

MEY - OUTRAS QUE GEREM O SEXO COMO SE FOSSE UM CERTIFICADO DE AFORRO.

LUÍS - OUTRAS QUE APENAS "SEX-SUAM".

GUS - MIA ENCONTRAVA-SE NESSE BURACO NEGRO, PERDIDA NUM UNIVERSO PARALELO À ESPERA DO MOMENTO ZERO.

MEY - LOBOTOMIZADA PELO IMEDIATO.

LUÍS - INSTANTE PREDILECTO ONDE TUDO SE TORNA IRRISÓRIO E PRIMORDIAL.

GUS - CONFUSO E LÍMPIDO.

MEY - URGENTE E INTEMPORAL.

GUS - OS OLHOS DE MIA DESCODIFICAVAM OS IDEOGRAMAS QUE DANÇAVAM À NOSSA VOLTA.

LUÍS - OS MEUS DESPIAM-NA, MICROSCÓPIOS À PROCURA DOS SEUS ÁTOMOS

GUS - ESTAVA ENCOSTADA A UM PILAR TAL UMA ESTÁTUA GREGA.

LUÍS - INACESSÍVEL COMO UMA POESIA ROMENA.

MEY - O QUE É QUE TENHO A PERDER EM TENTAR UMA APROXIMAÇÃO PELO FLANCO ESQUERDO... SE NÃO EXISTE

Play/Pause, pelo Pogo Teatro, é a minha primeira referência. O grupo tem vindo a trabalhar numa área que cruza o vídeo, a palavra, as artes plásticas, o teatro e a performance, num tipo de espectáculos que se caracteriza, ainda, por uma forte vontade de situar no momento presente, e por uma atitude global de inclusão estética e de coabitância de linguagens. **Play/Pause** pretende traçar um panorama de tipos e de comportamentos contemporâneos, articulando a performance dos cinco actores intervenientes com imagens vídeo, construindo uma narrativa fragmentada, não sequencial,

alusiva, irónica e crítica. Se o propósito é interessante na sua legibilidade, já a realização é menos conseguida. Os momentos interessantes — nomeadamente de vídeo — convivem com fragmentos discursivos pesados, algo pretensiosos, que acabam por transformar o todo num objecto pouco subtil, por vezes quase arrastado. Apesar disso, vale a pena passar pelo Lux e ver como da

colaboração entre um grupo de criadores artísticos e um invulgar «empresário» — falo de Manuel Reis, a alma do Frágil, do Lux, e de muito daquilo que marcou a vida nocturna lisboeta nos últimos 15 anos — se salda por um gesto urbano inteligente, descomplexado e de bom-gosto global.

HÁ ESPECTÁCULOS QUE SE SENTEM COMO UM TIRO DIRECTO



1 2 CORPO

SUGERIR OU EXIBIR
IMAGEM RESISTÍVEL
LUTO ARTÍSTICO
DE UM CORPO
QUE FODE À ANTIGA
CÉREBROS ENGRAVATADOS
A TECNOLOGIA NUNCA
NOS RETIRARÁ
A CAPACIDADE DE ODIAR
O MEU CORPO CONTÉM
A FÍSICA
A BIOLOGIA
A GEOGRAFIA
A MINHA HISTÓRIA
O MEU CORPO
É EM SI UMA ORIGEM

QUE EXISTE EM SI
SEM PALAVRA
O MEU CORPO
É UMA NARRATIVA
QUE CONTA
QUE PENSA
QUE SONDA
LUGAR DE EVIDÊNCIAS
LUGAR DE PARADOXOS
EXPRIMIR OU INIBIR
ET VOILÁ !





ALEX : EIXO... 2 RUTORES... MAS NÃO É POR AÍ QUE EU QUERO ENTRAR... ESSA RANHURA... EH !...
O SISTEMA... OS KARAMAZOV FODERAM-ME... A ELÉCTRICA... ENCENAÇÃO NEURONAL... EH, TU !
PLAY... SET UP... OK... GIVE LIGHT... GIVE ME A LIGHT ! 3 JACKS... RECAPITULANDO...

GIVE LIGHT BABY !

OLHA LÁ O CRASH ! E VIRA... DIMMER... 3 RCA... 2 AMARELOS, UM VERMELHO.

É DO CADS NASCE A ORDEM, BABY ! LCD... LCD... PRECISO DE LUMENS ! O QUE ERA DE MIM...

100 LUMENS ! GIVE ME SOUND BABY !... SOUND... SOUND... A FORMA É INUMANA...

OS TRÊS DA FRENTE... TAMBÉM AS IMAGENS SÃO AREIA... GIVE ME LIFE... LIFE, BABY! UHHH!

TRUE COLOUR ... DIM... SIM... E É JÁ !

O PODER CORROMPE... CHECK UP NO SOFTWARE... RATO... RATO... MOUSE... MAUSOLÉU !

BUS, BUS, BUS... MAIS BUS, VÁ BUS...BUS, OK !

RESISTINDO, ROMPENDO SEM MENDSPREZAR O INIMIGO. SHORT CUT, LOG OUT, BIOS.

MOSTRA-ME A LUA NA NOITE DOS TEUS OLHOS... RCA... RGB... SUPERFÍCIE DIGITAL LASCIVA...

BOLIDES, BÓLIDES, BAUNILHA, QUERO VER BÓLIDES. VRRUUMM !... FRÉMITO DA SERENA ALUCINAÇÃO...

JOYSTICK, BANANA. (CARROS ANDAM)

É MUITA FRUTA. OLHEM PARA MIM. O CORPO, NARCISO, MUSCULADO, VIBRANTE... ALARME !

(TOCA O ALARME. IMITA O ALARME.)... OK !

ESTE DOMÍNIO SELVAGEM. MORTALIDADE BRANCA. IMAGEM. QUERO IMAGENS. PRECISO DE IMAGENS.

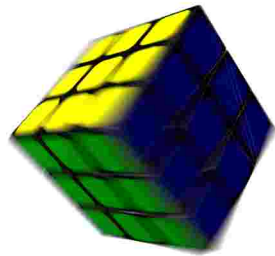
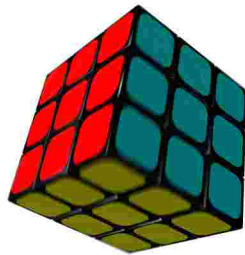
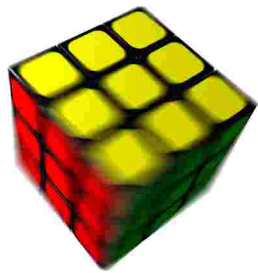
(OLHA PARA O ECRÃ.) OLHA EU ! REWIND... TUDO A POSTOS !...

GATE 11



VOZ OFF: MY NAME IS GATE 11. LUÍS: ENTRÁMOS PELO GATE 11. PROVAVELMENTE SAÍMOS PELO MESMO GATE. DESTINOS DIFERENTES. ELA TINHA UMA IDENTIDADE AZUL. EU TENHO OS OLHOS NEON. MEY: FICÁMOS NUM HOTEL PERTENCENTE À MESMA CADEIA. LUÍS: ELA IA AO JACUZZI. EU VOU AOS BANHOS. MEY: AMBOS MUSICÁVAMOS O FUTURO. LUÍS: ELA ERA PROSPECTORA. EU SOU UM EX-RECLUSO. MEY: AMBOS SABÍAMOS DANÇAR. LUÍS: ELA ERA ELECTRO. EU SOU ESTÁTICA. MEY: REGRESSÁMOS A UM NÃO LUGAR. LUÍS: ELA TRAZIA UMA PAISAGEM. EU PROMETO VINGAR. ENCONTRÁMO-NOS NUMA SAUNA PÚBLICA E NÃO NOS RECONHECEMOS. GUS: EU SOU PLAY, ELA ERA PAUSE.





ationubiquityinvitationubiquityinvitationubiquityinvitationubiquityinvitationubiquityin



**POGO
TEATRO**

POGO TEATRO CAME INTO BEING IN 1993, UNITING PEOPLE FROM SUCH DIVERSE AREAS AS THEATER, PERFORMANCE ART, VIDEO ART, LITERATURE, MUSIC, FASHION, INSTALLATION ART AND ARCHITECTURE. THE GROUP'S VARIOUS PHASES HAVE ALL POINTED TO ONE CONSTANT OBJECTIVE: HOW TO IMBIBE THE THEATER WITH MECHANISMS THAT ALLOW IT TO RECOGNIZE WHAT IS ACTUAL AND WHAT IS TO BE IT'S LEGACY IN A CONTEMPORARY CONTEXT? POGO TEATRO'S WORK ABSORBS THE CONTRIBUTES OF VARIOUS CREATORS, WHOSE LINK TO THE GROUP IS JUSTIFIED BY SHARING THE SEARCH FOR THAT GOAL, THROUGH THE CAPTURE AND SEDIMENTATION OF EXPRESSIVE FORMS THAT ARE APPARENTLY EXTERNAL TO THE THEATER, THUS ASSUMING ITSELF AS A FLEXIBLE STRUCTURE. IN TERMS OF RESEARCH AND PROGRAMMING, THE GROUP HAS EMPHASIZED THE SOCIOLOGY OF CULTURE.

THEIR SHOWS CAN BE CHARACTERIZED BY THE EXPERIMENTATION OF VIDEO-THEATER. IT IS IN THIS ARTICULATION BETWEEN THEATER AND VIDEO, IN AN AREA TRADITIONALLY RESERVED FOR THE STAGE, THAT HAS PERMITTED THE CONSTRUCTION OF NEW GENRES, WHERE THE TRADITIONAL INTERACTION BETWEEN CHARACTERS AND SCENES GIVES WAY TO SITUATIONS AND GAMES WITHIN A NEW IMMEDIATE ENVIRONMENT, SUPPORTING A MORE VERSATILE PRESENTATION OF DRAMATIC CONTENT. THE CONSCIENCE OF THE LIMITATIONS OF THE STAGE IN ITSELF HAS THE EXCLUSIVE REIGN FOR REPRESENTATION HAS LED TO THE GROUP'S EXPLORATION OF OTHER SCENIC AND SCENOGRAPHIC SOLUTIONS.

CREDITS

LUÍS ELGRIS - CONCEPT

JOÃO URBANO - DRAMATURGY

RUY OTERO / MIGUEL SOARES - VIDEO INSTALLATION & DIRECTION

DIRECÇÃO ACTORES - LUÍS ELGRIS / OLINDA GIL - STAGE DIRECTOR

JOÃO URBANO / OLINDA GIL / LUÍS ELGRIS / RUY OTERO - SCRIPTS

GUSTAVO SUMPTA / JOÃO SIMÕES - OTHER SCRIPTS

PEDRO CABRAL SANTO - SET DESIGN

LUÍS ROMANO - CARPENTER

MIGUEL SOARES - GRAPHIC DESIGN

UBIQUITY - CUBE (VIDEO & INSTALLATION)

FERNANDO FADIGAS - MUSIC/DJ

RUI VIANA PEREIRA - SOUND DESIGN

ANA DIREITO / ISABEL PERES - WARDROBE

ANDRÉ DE MAGEDDO - LIGHTING

JOÃO SERRALHA - POST PRODUCTION VIDEO

MARCELO BARROSO - F/X

TIAGO LAIRES / JOÃO SERRALHA / RAFAEL SÁ PEREIRA - VJS

OLINDA GIL / RUY OTERO - PRODUCERS

LUÍS ELGRIS / JOÃO MEIRELES / GUSTAVO SUMPTA / CRISTINA SCHARFHAUSEN / ALEXANDRE OVÍDIO - ACTORS

CATARINA GAGEIRO / OLINDA GIL / RUI REBELO DA SILVA - ADDITIONAL VOICES

SPONSORS

MINISTÉRIO DA CULTURA - IPAE / ICAM, LUX/FRÁGIL, CLUBE PORTUGUÊS ARTES E IDEIAS, OLHO, ACCCA, DANÇAS NA CIDADE, PROF, ADOLFO DOMINGUEZ, SOOSHI, INTERSPORT, ABC PUBLICIDADE.

THANX

CATARINA GAGEIRO, MARCELO BARROSO, LUÍS CRUZ, FREDERICO BRAVO, MARISA, MIGUEL SÁ, DIOGO BRANCO, SANDRA ZUZARTE
HELENA E JOSÉ FADIGAS, BRANCA LOPES, RITA RAMOS, JOANA GUNHA, DIRECÇÃO TÉCNICA DO CCB, PIX MIX, CLUB HOUSE
PARQUE DAS NAÇÕES, FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, ESTÁDIO NACIONAL, MANUEL REIS E TODA A EQUIPA DO LUX

PERFORMANCE

Uma pausa no Lux

À conversa com Rui Otero, descobrimos que Play House é um misto de performance e exposição em que o teatro é abolido. Um ajuste de contas com a contemporaneidade, que mata a dita família tradicional. Uma narrativa curta que apresenta três irmãos: a economia, a ciência e o crime. Três elementos do saber contemporâneo que são aqui confrontados. Uma crítica implícita que se nota nos mecanismos utilizados, que "não é muito directa" como nos revela Rui Otero, um dos mentores do Pogo Teatro, mas que se apreende nas diversas imagens que nos são apresentadas.



Play House é, sem dúvida, o melodrama dos valores da última década, personificado por três actores que arrastam consigo toda parafernália dos anos 90. Uma pista de automóveis vem "dar alma à performance, porque, se não existem elevadores que nos levem ao paraíso, Deus é uma pista de automóveis". Um espectáculo de três écrans, com direito a um concerto de misturas originais da responsabilidade do DJ Fernando Fadigas, com instalação cenográfica de Pedro Cabral Santo e animação de Miguel Soares.

POGO TEATROLUX , ÀS 21H30, 13, 14, 20 E 21 DE FEVEREIRO

PLAY PAUSE

de Luís Elgris

O Pogo Teatro tem vindo a construir espectáculos de teatro que integram contributos de áreas tão diversas como a «performance», a literatura, a música, a moda, as artes plásticas ou o vídeo; este último tem desempenhado um papel preponderante nas realizações deste grupo de composição variável.

Play Pause é mais uma realização que integra várias modalidades expressivas e que parte de uma consideração da superfície, da imitação e da multiplicação das identidades como vectores fundamentais para a constituição de uma ideia de contemporaneidade. Com Luís Elgris, João Meireles, Gustavo Sumpta, Cristina Scharfhausen e Alexandre Ovídio. Direcção de Luís Elgris e Olinda Gil. (LUX/FRÁGIL. DIAS 13, 14, 20 E 21 DE FEVEREIRO)

«PLAY/PAUSE» a superfície & a estética

E, neste sentido, «Play/Pause» parece ser um projecto tão ambicioso mas estruturalmente mais fraco que o que o precedeu, na sua articulação das vidas de três irmãos - a Ciência, a Economia e o Crime, irmãos de sangue que nos são apresentados em engraçadas fichas de identificação - que três excelentes actores, Luís Elgris, João Meireles e Gustavo Sumpta, representam ou, melhor dito, «performam», ao vivo em palco e em vídeo numa cidade. É nos ecrãs vídeo que se projectam três visões, ou uma mesma visão, sobre aquilo que no palco é revelado, desvelado, ou tornado ainda mais enigmático. Três irmãos perversos, pouco escrupulosos e com padrões morais condenáveis; uma pista de automóveis e três carros telecomandados; um jogo de ténis e um reencontro após muitos anos; um cubo de Rubik; algumas conversas cúmplices e música electrónica constante; mas principalmente a pretensão de tornar tudo isto legível para o público com uma economia notável, são elementos preponderantes em «Play/Pause». Mas parecem perdidos, entre a panóplia tecnológica excelentemente manobrada, porque nenhum dos fins a que chegamos justifica os meios; é notória a ausência de um suporte dramático forte, que dê ao todo e a cada uma das partes que o integram - porque algumas parecem

1

arte total, final e absoluta) - uma pertinência, uma consistência com o antes e o depois, um confronto de registos, ou pelo menos uma complementaridade, um sentido passível de ser acompanhado não só pelos actores mas também por quem está a ver. Faltou um bom conceito, uma ideia base que permita desenvolver todas as pernas que o Pogo quer abarcar, mas sem as deixar orfãs de si próprias. Para quem apregoa que o mundo se «sitcomiza em grupo», o público - instituição seguradora da existência de uma interpretação para o objecto artístico, afinal a sua razão de ser - é gloriosamente deixado de fora.

3

pontas soltas, na verdade (e só talvez a leitura do programa esclareça, o que não é bom de acontecer se se pretende assinar a obra de

2

1990, DEUS FEZ A TERRA – NÓS... TAMBÉM NÃO! I - COLECTIVIDADE GRUPO DOS 9, LISBOA.

1990, DEUS FEZ A TERRA – NÓS... TAMBÉM NÃO! II - TEATRO DO SÉCULO, LISBOA.

1991, TEMPO DOS DESGRAÇADOS - JOHNNY GUITAR, LISBOA.

1992, COMPLEXUS SEM NEXUS - TEATRO DA TRINDADE, LISBOA.

POGO TEATRO

1993, BALADA A MR. BRANDY I - TEATRO MALAPOSTA (LAB 2), LISBOA.

1995, LIPS ON LAB - TEATRO MALAPOSTA (LAB 4), LISBOA.

1995, CHINESE ROCK - FESTIVAL X, ALMADA.

1995, COMPLEXO TITANIC - TEATRO MALAPOSTA (LAB 5), LISBOA.

TEATRO TABORDA, LISBOA.

1996, BALADA A MR BRANDY II - GALERIA ZDB, LISBOA.

1996, HANDICAP - GALERIA ZDB, LISBOA.

1997, O HOMEM DO LIECHTENSTEIN - RITZ CLUB, LISBOA.

1997, ZAP SPLAT - FESTIVAL ATLÂNTICO, LITOGRAFIA PORTUGAL, LISBOA.

1997, SENT - TEATRO TABORDA, LISBOA.

1999, MAINSTREAM - CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA.

2000, MAINSTREAM 2000 - FESTIVAL DA PRIMAVERA, TEATRO DO VIRIATO, VISEU.

NO EXIT - NÚMERO FESTIVAL, LISBOA.